

Em torno de um centenário

Hardi Filho

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba!

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensolaradas de coqueiros!

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas!

José de Alencar

Sai da minha terra há bastante tempo; mais precisamente em agosto de 1954. São passados 40 anos, o mesmo espaço de tempo de fraterna convivência com o Piauí, seu povo, suas dificuldades, problemas, vitórias, tristezas, alegrias. Já vou respirando por cá o dobro do oxigênio que respirei por lá. Plantei-me aqui, criei raízes, filhei, tanto que o meu nome não é mais estranho aos ouvidos dos piauienses. Na minha terra berço, fora alguns parentes, talvez quatro ou cinco pessoas saibam realmente quem eu sou. Entre elas, honra-me citar João Ramos e Geraldo Fontenelle, ambos da Academia Cearense de letras. Ribeiro Ramos, um conhecimento de bondade e de proveito humano para mais de meio século! E Geraldo Fontenelle, amizade recente, exemplo de inteligência e de conduta irmã. Entre um e outro, os nomes de Francisco Paceli Vasconcelos e Edmo Linhares. Por onde andam e o que fazem atualmente estes dois amigos de juventude?

Mas o que eu queria mesmo era referir-me ao Centenário da Academia Cearense de letras, cujas comemorações tiveram seu ponto alto no dia 15 de agosto último, em Fortaleza, com a sessão solene de posse da escritora conterrânea Raquel de Queiroz.

Do discurso do presidente Artur Eduardo Benevides, de saudação a Raquel, publicado em "Noticias Culturais" nº 45, pesa alguns dados sobre aquela Academia, que tive oportunidade de visitar em 1988, parece-me, no 2º andar de um prédio no centro de Fortaleza.

Criada a 15 de agosto de 1894, em reunião ocorrida no Salão de Honra da Fênix Caixeiral, a qual se fizeram presentes o Barão de Studart, Justiniano de Serpa, e o filósofo Farias Brito. Tem na galeria de seus fundadores nomes insignes como Thomaz Pompeu, Virgílio de Moraes, José de Barcelos, Antonio Bezerra, Pe. Valdevino Nogueira, Henrique Théberge, entre outras figuras de relevo na história cultural do Ceará. A "Academia Cearense", como se chamava ao ser criada, com Estatutos aprovados a 16 de setembro daquele mesmo ano, em sua longa e proveitosa vida, sofreu reformulação por duas vezes: em 1922, por sugestão de Leonardo Mota e Justiniano de Serpa (na época governador do Estado), quando passou à denominação definitiva de Academia Cearense de Letras; e em 1951 quando se fundiu com a "Academia de Letras do Ceará", por inspiração e ação do poeta Mário Linhares, acabando aí controvérsia que havia nos meios intelectuais de Fortaleza.

Antecederam ao atual presidente Artur Eduardo Benevides, na Direção da Casa, os acadêmicos Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Antonio Sales, Thomaz Pompeu Sobrinho, Dolor Barreira, Mário Linhares, Raimundo Girão Andrade Furtado, Renato Braga, Antonio Martins Filho, Eduardo Campos, e Cláudio Martins.

Chegando a instituição aos nossos dias "atuante e rejuvenescida" tem como sede própria, hoje, o tradicional Palácio da Luz, construído no final do século XVIII, palco das solenidades do centenário. Isto mesmo. Criada antes de Machado de Assis idealizar a Academia Brasileira de Letras, a Academia Cearense viveu neste agosto de 1994 um momento de beleza rara, de alta significação, ao associar às festividades do seu centenário a posse dessa unanimidade nacional, Raquel de Queiroz, "escritora que possui exata consciência do fazer artístico, que utiliza a literatura

como um instrumento de compreensão, de amor, de verdade, de justiça, qual pequeno sol que iluminasse as letras do Ceará e do Brasil”, como disse Benevides em sua saudação.

Por sua vez, a oração acadêmica de Raquel, também publicada em “Notícias Culturais”, prima pela simplicidade e pela recordação de sua vida no Ceará, a adolescência, os estudos, os primeiros impulsos para a escrita, episódios ao tempo da publicação de “O Quinze”, seu livro de estréia, feito na Tipografia Urânia. Caminha pela lembrança de Antonio Sales seu guru literário, de Benedito Augusto Carvalho, José Waldo Rideiro Ramos e Moreira Campos, seus antecessores na Cadeira 32, aos quais, agora humilde e reverente, ela pede licença para ocupar.

Enfim, uma comemoração brilhante, comovente, digna dos cem anos de existência da primeira academia de letras do Brasil!

Uma festa que eu gostaria de ter assistido. Motivo superior, encargos e compromissos assumidos em Teresina, não me permitiram comparecer, como era do meu desejo. Mas faço este registro, sentindo de longe as emoções daquele dia e parabenizando, embora com atraso, a todos os que fazem cultura no Ceará, particularmente na minha Fortaleza.

(Transcrito do *Diário do Povo*,
Terezina (PI), 17/9/1994)